

Missão Cumprida

Roberto Duailibi

Conselheiro da FUNCEB e Membro da Academia Paulista de Letras



Treze anos depois, as tropas brasileiras que compunham a força de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) deixaram o Haiti. Para trás, quantas histórias foram construídas, quantas imagens ficarão nas cabeças dos nossos soldados, que de forma rotativa se revezavam de tempos em tempos para tentar dar àquele povo condições pouco melhores. Lutando contra o maior dos inimigos, a falta de infraestrutura, de recursos, de condições de moradia e, driblando a ausência de saneamento básico e água potável, os brasileiros se tornaram, ao longo desses 13 anos, heróis do povo.

As imagens dos soldados deixando suas bases, se despedindo da população, não precisam de legenda. Traduzem o respeito e o reconhecimento do povo haitiano com nossas tropas. Pedem souvenirs para guardarem como

lembrança de um período que todos sabem bem melhor, guardadas todas as proporções, em relação ao que pode estar pela frente.

De nossa parte, também se observa claramente no semblante de que cada membro do Exército um misto de tristeza e de desejo de esperança de que o trabalho realizado possa representar a semente de um Haiti melhor. Afinal de contas, foram 13 anos tentando reorganizar o país, buscando controlar a violência local, ora atuando em patrulha, ora com vistas totalmente ao lado social, cuidando de crianças, oferecendo valores que se perderam ao longo de tanta crise, desmando e flagelo social. Ora atuando como médicos, enfermeiros, missionários, ora como pai, irmão, amigo. No posto de saúde, no atendimento médico, na pelada de fim de semana, o que mais se via era uma solidariedade explícita.

O improviso e o bom treinamento no Brasil lhes deram as ferramentas para que a missão fosse cumprida da melhor maneira. Tanto assim que a ONU já fala em talvez requerer a presença brasileira em outros locais do mundo.

Além de proteger as instalações brasileiras, organizar as forças de paz, o papel da missão de paz era justamente esse, tentar dar ao povo um pouco de amparo ao que, num primeiro momento, parecia irremediavelmente inviável. Nesse tempo todo, enfrentamos terremotos e furacões, levantes e epidemias. Até o dia 15 de outubro, todo o efetivo brasileiro será repatriado e, depois de 2017, a ONU irá implantar a Minujusth (Missão de Apoio à Justiça), cujo objetivo será apoiar o fortalecimento das instituições judiciárias.

O Brasil fez sua parte, o Exército cumpriu a missão para a qual foi convocado. Desde 2004, o País enviou para o Haiti, sob o regime de revezamento, 37,5 mil militares, que atuaram em todo tipo de serviço, mais basicamente na pacificação, meio que se inspirou no instinto de seu patrono, o Duque de Caxias, denominado O Pacificador.

O Exército Brasileiro enfrentou todo tipo de problema, como revoltas locais, epidemias, problemas de saúde muito por conta da falta de água, higiene, saneamento e condições básicas de moradia. Em 2010, se deparou com um dos piores terremotos que a humanidade já viu, de 7 graus na escala Richter, e que determinou a morte de 220 mil pessoas.

Foi nesse incidente que morreu dona Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança e da Pessoa Idosa. Médica, pediatra, candidata ao Nobel da Paz, dona Zilda estava no Haiti em missão humanitária, quando acompanhada por um sargento no momento em que morreu nos escombros do terremoto, numa igreja de Porto Príncipe. Ela dedicou a vida a trabalhos de solidariedade, indicando educação e cuidados com a saúde das crianças, exatamente o que estava fazendo no Haiti. Além dela, no terremoto, foram mortos 11 militares.

No ano passado, o Exército enfrentou outro incidente, o furacão “Matthew”, desastre na-

tural também de grandes proporções e que atingiu em torno de 2 milhões de pessoas, matando centenas delas. Nele morreram 16 militares brasileiros. Desde 2004, muitos perderam a vida no Haiti. Para piorar, o furacão também destruiu sistemas de água e esgoto que foram reconstruídos, o que provocou grandes inundações e agravou os problemas de saúde pública.

Em todos esses eventos a população haitiana se habituou a ter como apoio as forças brasileiras e a máxima “Braço Forte, Mão Amiga”. Ao todo, desde 2004, foram registradas em torno de 30 mortes de militares, todos no cumprimento do dever, o que só faz enaltecer ainda mais o papel do Exército Brasileiro no Haiti. Esses heróis, que merecem toda a reverência do povo haitiano e brasileiro, deram a vida para permitir que houvesse condições de vida pouco melhores para crianças, idosos e pessoas sem ou com quase nenhum recurso de sobrevivência.

É esse o papel e a imagem que tem deixado o Exército, sempre no cumprimento das missões que lhe são atribuídas. Como nas atuações em problemas urbanos de segurança, como no patrulhamento ostensivo em locais remotos e igualmente desguarnecidos em nosso País.

Um dos melhores exemplos é a região amazônica. Ao longo de 11,2 mil km de fronteiras, com 7 países e área equivalente a 42% do território nacional, a Amazônia é patrulhada pelo Exército. O papel muitas vezes extrapola as funções oficiais. Em muitos momentos, o Exército é a única autoridade, a coisa mais próxima de um serviço de saúde, a derradeira assistência em quilômetros para populações pobres, ribeirinhas, tribos indígenas. Além do papel que faz em termos de comunicação, é o Exército que ajuda as populações locais e garante a soberania nacional.

Por conta da presença verde-oliva, não tememos a invasão estrangeira ou a incidência de guerras na região. As Forças Armadas são as guardiãs da floresta e a presença do Brasil na fronteira.

Roberto Duailibi é publicitário e fundador da DPZ Propaganda